

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# PRODUÇÃO MONETÁRIA EM PORTUGAL

Tiago Gil Curado / Durham University / tiago.gic@gmail.com

## RESUMO

A distribuição e cronologia da produção monetária em Portugal durante a monarquia varia de acordo com cada reinado. Vários monarcas escolheram cunhar moeda em diferentes cidades.

No poster é analisada a mudança de casas de cunho segundo as situações socioeconómicas portuguesas de cada monarca. É ainda acrescentada a tecnologia do fabrico da moeda.

## ABSTRACT

The distribution and chronology of coin production in Portugal during the monarchy (AD 1143 – 1910) varies according to each period of reign. Different monarchs chose to mint coins in different cities. At the times one or more cities were used by several rulers over a longer period of time.

This poster explores the changing pattern of coin production in relation to the reigns of monarchs and major historical events of significance in the history of Portugal sovereigns. Different types of information will be crossed and there will be some conclusions.

A numismática num ponto de vista histórico, arqueológico, social e económico tem tido pouca expressão na investigação científica. É no colecionismo privado praticado hoje em dia que encontramos uma maior frente de investigação. É por esse factor, pelo prazer na arqueologia e o gosto por este tipo de objectos que decidi desde o início da formação académica debruçar-me sobre esta temática.

Um dos vectores que integram a característica de Estado-Nação que Portugal possui há quase 900 anos é a economia. Esta prende-se não só com o intercâmbio comercial de trocas directas, como também através de uma unidade monetária; dinheiro, moeda.

Desde o início da formação do território português a cunhagem de moeda foi levada a cabo todos os soberanos e regentes ainda que durassem apenas meses (Figura 1).

Foi na Cidade Berço, Guimarães, que se cunhou a primeira moeda dita portuguesa por D. Afonso I. Este foi o único monarca a amoeidar nesta cidade. D. Sancho I e D. Afonso II elegeram Coimbra para instalar a casa de cunho. De D. Sancho II a D. Pedro I esta função estatal passou para Lisboa. Após este último monarca, diferentes reis abriram e fecharam postos de monetização não só por todo o reino, mas também na Galiza. É o caso de D. Fernando, em cujo reinado funcionaram ao todo 7 casas de cunho. Este aumento foi o resultado do enorme custo das suces-

sivas guerras com Leão e Castela. O maior número de locais de cunhagem é detido por D. João IV, onde 11 estabelecimentos produziam moedas em resposta ao gasto e investimento nacional resultante da deposição da dinastia filipina de Habsburgo.

É possível portanto estabelecer um padrão causa-efeito relativo aos acontecimentos sociais e ao número de casas de cunho. As maiores situações de crise e instabilidade financeira, deram azo à abertura de mais locais de cunhagem. Na contagem, depois de D. João IV e D. Fernando, com 11 e 7 postos de amoeidação respectivamente, seguem-se os seguintes soberanos; D. João I e D. Manuel I com apenas 3 casas, evidenciando mais uma vez os dois grandes acontecimentos nefastos para a economia nacional em época monárquica.

A emissão exagerada de moeda aliviava momentaneamente a depressão financeira mas provocava uma inflação de demanda a médio prazo.

Ter presente a proveniência dos numismas encontrados em contextos arqueológicos permite tirar conclusões sobre as cidades de maior influência económica e sobre o intercâmbio socioeconómico ao longo da história.

Nos restantes reinados, apenas uma ou duas casas de cunho funcionaram em Portugal. Sendo que em 1721 D. João V centralizou definitivamente a produção monetária em Portugal continental na

cidade de Lisboa, permitindo um maior controlo das cunhagens.

O século XVIII, como consequência do ouro proveniente do Brasil, caracterizou-se economicamente pela sua grande liquidez monetária. O crescimento económico abrupto levou a uma grande inflação, porém esta foi mitigada através da emissão de moeda mais forte, em ouro e foi durante os reinados de D. Pedro II, D. João V e D. José – sobretudo nos dois últimos – que a moeda de ouro portuguesa chegou a ser tomada como padrão nas trocas comerciais internacionais atlânticas.

É importante salientar também que não só em Portugal continental foi emitida moeda. Nos Açores e Madeira a produção foi iniciada por D. José e D. Maria II respectivamente. Já nas colónias em Angola foi D. Pedro II; no Brasil, D. João IV; na Índia, D. Manuel I; em Moçambique, D. João V; em São Tomé e Príncipe, D. João VI e em Timor, D. Carlos. Em alguns destes casos a moeda era tida também como meio de comunicação com a comunidade colonizada. É o exemplo da Índia, onde no reinado de D. João III algumas moedas incluíam a figura S. Tomé, Apóstolo da Índia, tão simbólica para a população autóctone, já que teria sido nesse local que este santo se tinha tornado mártir. Este “conforto religioso” legitimava de certa forma a presença portuguesa. É este um dos exemplos de poder social da moeda enquanto objecto distanciado da sua função financeira.

A tecnologia utilizada na produção monetária foi variando ao longo do tempo. Desde a formação de Portugal até 1678, a cunhagem era levada a cabo com recurso a martelo manual (Figura 2). Foi a partir deste ano, 1678, que chegou a Portugal a técnica de prensa manual, onde num sistema de balancés de parafusos o aparelho, através da força humana, ia definindo a moeda (Figura 3). Mais tarde, em 1835, com a tecnologia do vapor foi introduzida a prensa de rosca na Casa da Moeda em Lisboa, sendo esta uma das primeiras máquinas a vapor do país (Figura 4). Em 1866 a anterior máquina foi substituída pela poderosa prensa monetária em série de marca Ulhorn comprada em Inglaterra à firma Boulton and Watt, idêntica à da Royal Mint de Londres. Estas são antepassadas das que ainda hoje cunham o nosso dinheiro (Figura 5).

## BIBLIOGRAFIA

FERRO TAVARES, M<sup>a</sup> José P., (1978) – *Catálogo de moedas portuguesas do Gab. de Numismática da Biblio. Nac. de Lisboa*, Volume 1. Lisboa: Biblioteca Nacional Portugal.

GOMES, Alberto, (2006) – *Moedas Portuguesas e do Território que é hoje Portugal*. Lisboa: Associação Numismática de Portugal.

JOHANNESON, Kurt, (1998) – ‘The portrait of the prince as a rhetorical gesture’, in ELLENIUS, Allan (ed.) – *Iconography, propaganda and legitimacy*. Oxford: Oxford University Press.

LOPES FERNANDES, Manuel Bernardo, (1856) – *Memoria das moedas correntes em Portugal, desde o tempo dos romanos até o anno de 1856*. Oxford: Oxford University.

NOGAMI, Otto, (2007) – *Economia*. Curitiba: IESDE BRASIL SA.

ÓNODY, Oliver, (1960) – *A inflação brasileira, 1820-1958*. Rio de Janeiro.

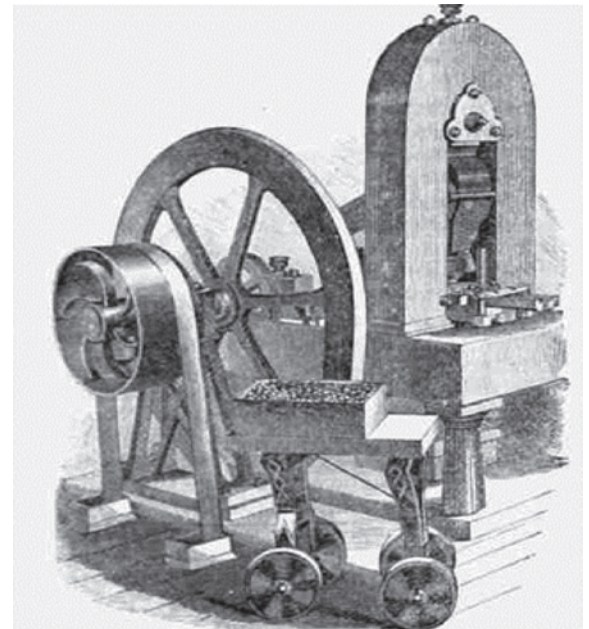
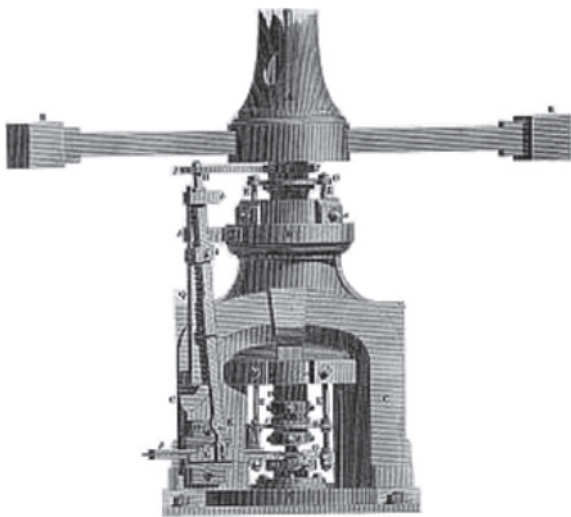
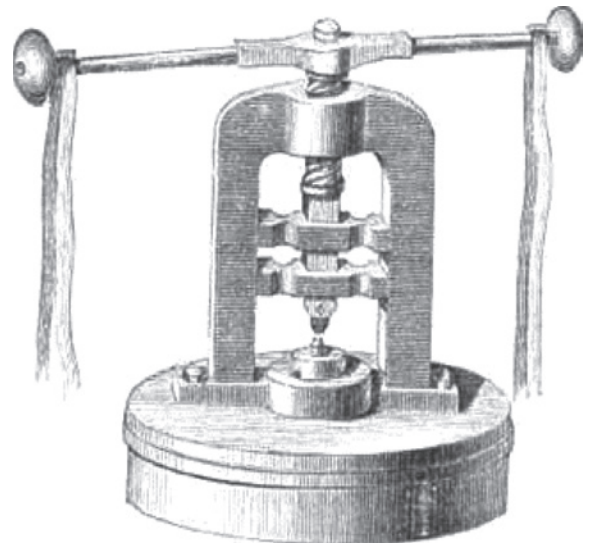
SALGADO, Jaime & SALGADO, Xavier, (2009) – *20 anos Numisma-Leilões 1989 – 2009*. Lisboa: Numisma Leilões.

TEIXEIRA DE ARAGÃO, A. C., (1875) – *Descrição Geral e Histórica das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal* – Tomo I, II & III. Lisboa: Imprensa Nacional.

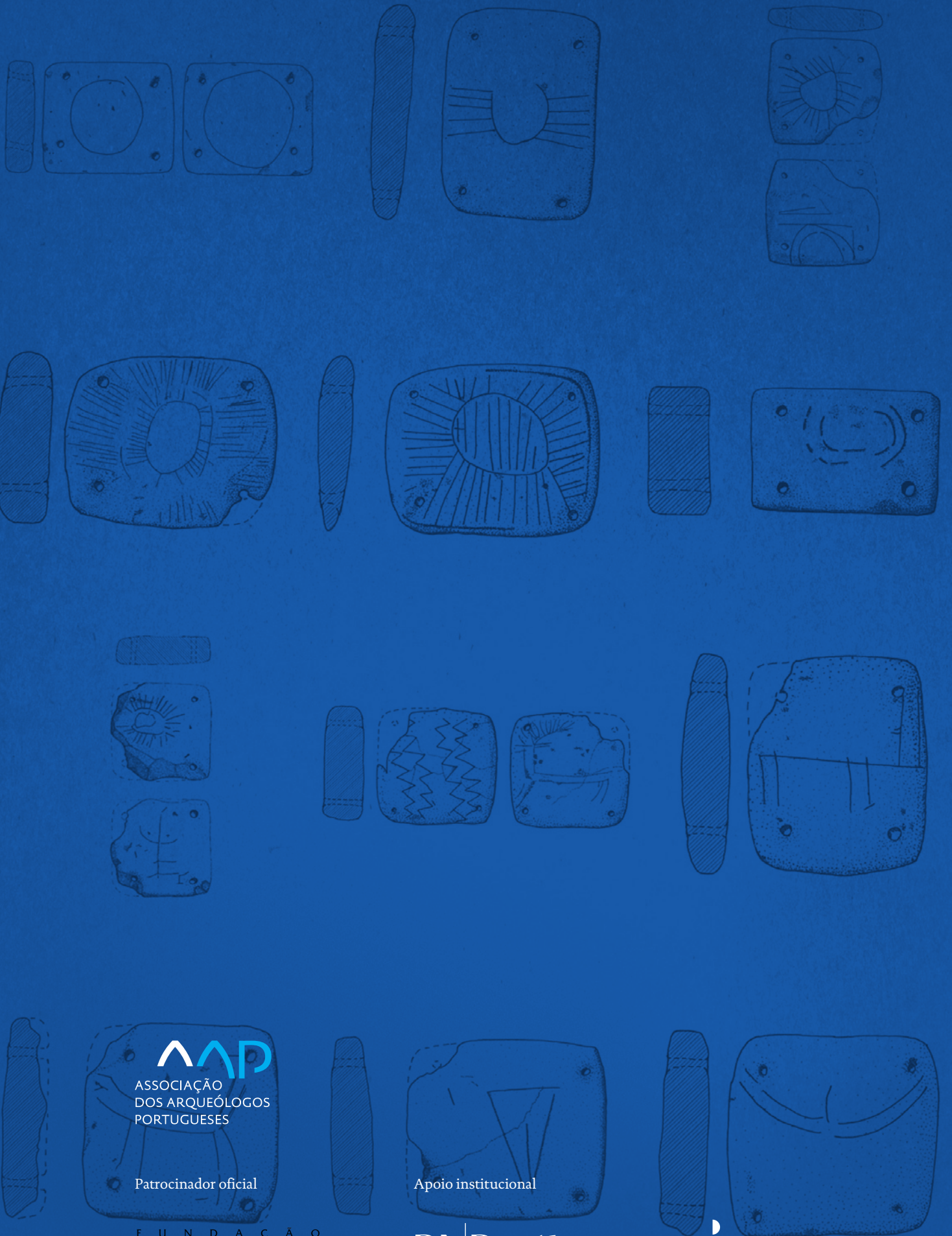
[www.incm.pt/site/historia.html](http://www.incm.pt/site/historia.html) (Junho de 2013).

[www.facm.pt/facm/facm/pt/servico-educacao/recursospedagogicos/Casa-da-Moeda-do-Porto](http://www.facm.pt/facm/facm/pt/servico-educacao/recursospedagogicos/Casa-da-Moeda-do-Porto) (Junho de 2013).





Figuras 2, 3, 4 e 5 – Tecnologia de cunhagem.



**AAP**  
 ASSOCIAÇÃO  
 DOS ARQUEÓLOGOS  
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
 bcp

**BNP**  
 BIBLIOTECA  
 NACIONAL  
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
 PORTUGAL

  
 Parques de Sintra  
 Monte da Lua